

FÉ CRISTÃ E ECOLOGIA: O DIÁLOGO NECESSÁRIO

Afonso Murad FMS

A constituição pastoral “*Gaudium et Spes*” começa com uma afirmação bela e desafiadora: *As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens (e mulheres) de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos(as) de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoa no coração* (GS 1). A ecologia é hoje, sem dúvida, um tema candente, uma questão decisiva para a sobrevivência da humanidade e para a continuidade da vida no nosso planeta. Mas parece que ainda não ressoou de forma suficiente no coração, na mente e nas mãos dos cristãos e das igrejas. Pouco impacto tem na teologia, limitando-se ao campo da ética e da doutrina da criação. É hora de dar passos mais largos. O texto conciliar diz ainda que para desempenhar a missão de diálogo com o mundo moderno, a Igreja deve perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do evangelho. Assim, ela responderá, de maneira adequada para cada geração, às perguntas sobre o significado da vida presente e futura, e de suas relações mútuas (GS 4). Ora, a ecologia se tornou um dos “Sinais dos Tempos” mais significativos do atual momento histórico. Trata-se, portanto, de compreendê-la, deixar-se tocar por suas interpelações, e anunciar a Boa Nova, neste contexto.

A palavra “ecologia” tem muitos sentidos e conotações. Para efeito didático, selecionaram-se aqui três dimensões básicas que se implicam neste conceito. A ecologia é simultaneamente: (1) movimento planetário de natureza ética, (2) ciência e (3) paradigma. Pode-se começar com qualquer um deles, pois estão intimamente relacionados. Cada dimensão oferece possibilidades de diálogo com a fé cristã e o seu saber, a teologia¹. Parti-

¹ Esta nota resume e reelabora a reflexão iniciada pelo autor no artigo “Paradigma ecológico: gestão e educação ambientais”, in SOTER (org.), *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade*, São Paulo: Paulinas, 2008, pp. 39-62. Trata-se de um texto em evolução, ainda não definitivo.

remos da dimensão ética e prática, considerando que as ações humanas e a fé são “ato primeiro”, enquanto o saber da ecologia e da teologia, “ato segundo”, parafraseando G. Gutiérrez.

A ecologia como ética e prática. Gestão e educação ambientais

Basta abrir jornais e revistas, ouvir noticiários na rádio, ou percorrer os canais de TV em diversos programas, para se dar conta de que a questão ambiental está presente na mídia quase todos os dias. Ela aparece como constatação (“o meio ambiente está cada vez mais fragilizado, devido à ação humana”) e interpelação (“é necessário fazer algo para mudar esta situação”). Aqui reside o caráter ético da ética. Responsabiliza-se o ser humano pela crescente destruição das “comunidades de vida” ou ecossistemas e pede-se dele uma nova postura.

Enquanto ética e prática, a ecologia constitui um amplo *movimento*, no qual fazem parte cidadãos comuns, ambientalistas, ONGs, grupos religiosos, pesquisadores e empreendedores. O que os reúne é o compromisso de fazer algo para o bem do planeta. O movimento ecológico não tem hierarquia nem mecanismo de controle ideológico. Organiza-se sobretudo como *rede* em torno a causas comuns, de diferentes amplitudes. Desde a ação local para manter limpo um riacho em determinada cidade, até o protocolo intergovernamental de abrangência mundial, para reverter o aquecimento global. No Brasil, há na Internet muitas redes de informação e mobilização em torno da questão ecológica. Por exemplo, a rede brasileira de educação ambiental (REBEA), e a rede em torno das mudanças climáticas (PROCLIMA). Nelas se divulgam informações, opiniões, estudos. E se convoca à participação em eventos e ações conscientizadoras.

O movimento ecológico emite um juízo de valor sobre a relação do ser humano com o meio ambiente. E o interpela, para que reverta os processos de destruição dos ecossistemas e assuma sua responsabilidade pelo presente e pelo futuro de nosso planeta. Tem, portanto, uma dupla vertente de *valoração* e de *ação*.

Uma parte significativa do movimento ecológico desenvolve um olhar crítico sobre as estruturas sócio-político-econômicas que regem a economia de mercado, no mundo globalizado². O atual modelo civilizatório exige cada

² Cf. J. BOVÉ / F. DUFOUR, *O mundo não é uma mercadoria*, São Paulo: Ed. UNESP, 2001, pp. 159-252; C.W. PORTO-GONÇALVES, *O desafio ambiental*, Rio de Janeiro: Record, 2004, 171 pp.

vez mais energia, explora irresponsavelmente recursos finitos e desestrutura os ecossistemas. Está intimamente conectado com o capitalismo internacional³. O mesmo sistema que concentra riqueza, exclui nações e povos, também explora e destrói o meio ambiente⁴. Somente uma mudança radical, fora da economia de mercado, tornaria o nosso planeta viável no presente e no futuro. O próprio **conceito de desenvolvimento** precisa ser revisto.

Outras correntes defendem a bandeira do desenvolvimento sustentável, dentro do capitalismo⁵. Trata-se de investir na ciência e na técnica, aperfeiçoar e corrigir os mecanismos de produção, consumo e descarte dos produtos, reduzir a poluição e aumentar a ecoeficiência⁶. Apela para um crescente compromisso dos cidadãos e das empresas, no sentido de minimizar o impacto ambiental. Exigem crescentes avanços na legislação dos países, para coibir abusos e punir crimes ambientais. Postulam uma governança planetária, mediada por protocolos e convenções que estabeleçam metas e compromissos das nações com o planeta.

A ecologia recoloca a questão dos valores, do cuidado com a vida, de forma duradoura. O conceito de *sustentabilidade ecológica* foi introduzido na década de 80 por Lester Brown. Mais tarde, no Relatório Brundtland (1987) se fala em *desenvolvimento sustentável*, como satisfazer “as necessidades da atual geração, sem comprometer as das gerações futuras”⁷. Assim, sustentabilidade é o somatório de processos que visam garantir a

³ O modelo de desenvolvimento vigente está levando a uma sociedade insustentável. Produz exclusão social, que gera miséria e degradação ambiental. De outro lado, induz ao consumismo, que gera opulência, desperdício e degradação ambiental. Cf. G. FREIRE DIAS, *Fundamentos de educação ambiental*, Brasília: Universa, 2000, pp. 29, 32-34.

⁴ “Em lugar do pluralismo cultural, a fábrica produz monoculturas sem sustentabilidade na natureza e na sociedade. Não há lugar para o pequeno; o insignificante não tem valor. A diversidade orgânica é substituída pelo atomismo e pela uniformidade fragmentada. A diversidade tem que ser erradicada como uma erva-daninha, e as monoculturas uniformes – de plantas e pessoas – têm de ser administradas de fora porque não são mais auto-reguladas e autogeridas. Aqueles que não se ajustam à uniformidade são declarados incompetentes. A simbiose cede lugar à competição, à dominação e à condição de descartável” (V. SHIVA, *Monoculturas de Mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*, São Paulo: Gaia, 2003, p. 33).

⁵ Cf. P. HAWKEN / A. LOVINS / L.H. LOVINS, *Capitalismo Natural: Criando a próxima revolução cultural*, São Paulo: Cultrix, 1999, 358 pp. Ver especialmente pp. 8-19 (“Um capitalismo que dê importância aos sistemas vivos”).

⁶ Cf. F. ALMEIDA, *O bom negócio da sustentabilidade*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, pp. 75-181. Segundo o autor, a ecoeficiência é uma filosofia de gestão empresarial baseada num esforço incessante para produzir mais e melhor com menos uso dos recursos naturais. Seu principal objetivo é fazer a economia crescer qualitativamente, não quantitativamente. Buscar ecoeficiência é produzir bens e serviços a preços competitivos, reduzindo progressivamente o impacto ambiental e o consumo de recursos naturais, ao longo do ciclo de vida do produto ou serviço, a um nível mínimo equivalente à capacidade de sustentação estimada do planeta (cf. F. ALMEIDA, *O desafio da sustentabilidade: Uma ruptura urgente*, Rio de Janeiro: Campus, 2007, p. 107).

⁷ Indica-se um desenvolvimento com quatro características: ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente aceito.

continuidade da qualidade da vida para as novas gerações de seres humanos, animais, plantas e microorganismos.

O conceito de *sustentabilidade* sofreu uma evolução no correr dos últimos anos. Originalmente, no movimento ecológico, significava garantir a continuidade das “comunidades de vida” e o equilíbrio dos ecossistemas, no presente e no futuro. Tinha assim uma conotação exclusivamente ambiental. Mas o termo foi apropriado pelos gestores de empresas do mercado global, passando a significar a viabilidade e a continuidade de um negócio ou empreendimento. Também os líderes governamentais passaram a usar este termo para sinalizar se determinadas políticas tinham perspectiva de continuidade a longo prazo. O Fórum Social Mundial levantou a bandeira da “insustentabilidade” do atual mercado global, especialmente em termos sociais. E propugnou um “novo mundo possível e necessário”, com formas diversas de produção, consumo e inclusão. Deste “conflito de interpretações” nasce o termo atual, que inclui a simultaneidade de aspectos ambientais, econômicos e sociais.

A ecologia não é uma ética abstrata, restrita a conselhos generalizados. Ao contrário, ela se traduz em dois grandes instrumentais práticos: a educação ambiental e a gestão ambiental. A primeira significa a somatória de processos que visam criar uma nova mentalidade e posturas correspondentes, na relação do ser humano com o nosso planeta, enquanto a “casa comum”. Sua abrangência é vasta, pois visa a reeducação da humanidade, em termos de percepção do mundo⁸ e dos valores que a orientam. A educação ambiental não veicula somente informações sobre o meio ambiente, mas também apura a sensibilidade, faz refletir sobre o sentido da atuação humana no ecossistema, e suscita ações individuais e coletivas, conferindo poder à comunidade local como protagonista de mudança⁹.

Em vários cantos do mundo, a Educação Ambiental se desenvolveu, na sociedade civil e com estímulo do poder público. Na esfera da sociedade civil brasileira, criam-se ONGs e associações que promovem a consciência ecológica e o compromisso com a sustentabilidade junto às comunidades locais. Vários movimentos sociais incorporam a questão ambiental nas suas lutas. A Campanha da Fraternidade sobre a Água suscita uma série de iniciativas locais de natureza permanente. Escolas introduzem a Educação Ambiental como tema transversal. Empresas patrocinaram iniciativas de educação ambiental. Em âmbito governamental elabora-se a Política Naci-

⁸ G. FREIRE DIAS, *Ecopercepção*, São Paulo: Gaia, 2003, 63 pp.

⁹ A primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tblisi (Geórgia, 1977), estabeleceu como finalidade da Educação Ambiental: promover a compreensão sobre a existência humana e a interdependência econômica, social, política e ecológica; possibilitar aquisição de conhecimentos, sentido dos valores, interesse ativo e atitudes para proteger e melhorar o meio ambiente; e impulsionar novas formas de conduta a respeito do meio ambiente.

onal de Educação Ambiental, cujo marco é a lei 9.795/99. O Ministério do Meio Ambiente publica o ProNEA (Programa Nacional de Educação Ambiental)¹⁰, voltado à sociedade, enquanto o Ministério da Educação elabora os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Educação Ambiental, destinados às escolas. Prefeituras e governos estaduais empreenderam iniciativas e criaram equipes de trabalho de Educação Ambiental. Atuando com diferentes públicos e interlocutores, a educação ambiental visa formar consciência planetária e preparar cidadãos para uma nova percepção do mundo.

A **gestão ambiental** compreende processos comunitários e institucionais para viabilizar a sustentabilidade. Envolve vários atores sociais, como grupos religiosos e sociais, consumidores, educadores, comunicadores e o poder público. De forma visível, a gestão ambiental tem sido aplicada de forma crescente nas empresas¹¹, em resposta à crescente sensibilidade da população para a questão ecológica e às exigências da legislação ambiental. Adotam-se mecanismos para uso racional de água e energia, reduzem-se a quantidade de resíduos e a sua toxicidade, racionaliza-se o processo de produção. Cria-se o mote da “produção mais limpa” (P+L)¹². Desenvolvem-se modelos, ferramentas e sistemas de gestão ambiental (SGA). Consolida-se o processo de certificação ambiental com a norma ISO 14001, de 1996 e 2004¹³.

A educação ambiental e a gestão ambiental fazem a ecologia penetrar no tecido social, nas mentes das pessoas, nas comunidades locais e nas práticas de produção e consumo. Podem assumir perspectiva transformadora ou manter o sistema que destrói nosso planeta.

Fé cristã, ética e mística ecológica

Diante da vertente ética e prática da ecologia, o cristianismo dará uma resposta conseqüente se ela se traduzir em compromisso de vida, animado pela fé. O primeiro nível do diálogo não é aquele acadêmico, de congressos

¹⁰ MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *ProNEA*, Brasília, 2005, 3ª ed., 102 pp.

¹¹ Cf. R. DIAS, *Gestão Ambiental: Responsabilidade Social e Sustentabilidade*, São Paulo: Atlas, 2006, 196 pp.; A. VILELA JR. / J. DAMAJOROVIC (org.), *Modelos e Ferramentas de Gestão Ambiental: Desafios e perspectivas para as organizações*, São Paulo: Ed. SENAC, 2006, 396 pp.

¹² Ver: T.M. TAVARES GASI / E. FERREIRA, “Produção Mais Limpa”, in A. VILELA JR. / J. DAMAJOROVIC (org.), *Modelos e Ferramentas de Gestão Ambiental*, pp. 42-84.

¹³ Os ambientalistas criticam a utilização mercadológica da certificação ambiental como um mero mecanismo para agregar valor à marca da empresa. Ver: “Sistemas de Gestão Ambiental”, in A. VILELA JR. / J. DAMAJOROVIC (org.), *Modelos e Ferramentas de Gestão Ambiental*, pp. 131-133.

e conferências (embora este também tenha seu lugar), e sim o testemunhal. A presença de cristãos e das Igrejas no movimento ecológico é um sinal inequívoco de um compromisso gratuito, movido pelo amor a Deus e às suas criaturas. O testemunho martirial de Ir. Dorothy, em favor dos projetos de desenvolvimento sustentável na Amazônia, fala e deixa falar. Os gestos de Dom Cappio, em favor do Rio São Francisco e da população ribeirinha, têm uma força incrível. A presença de grupos cristãos em cooperativas de recicladores, empreendimentos sustentáveis de sócio-economia solidária, sinaliza que o sonho de um mundo diferente é viável. As pastorais sociais da Igreja estão integrando a questão ambiental na sua visão de sociedade e na prática transformadora. Assim, o empenho de pessoas e de grupos cristãos em iniciativas sócio-ambientais são o “ato primeiro” de um diálogo profícuo, tanto para a sociedade quanto para a fé cristã.

O contato de cristãos engajados, teólogos(as) e pastoralistas com ambientalistas, cientistas e agentes sócio-ambientais, é profícuo para todos e se constitui em fonte de aprendizagem recíproca. Nessa convivência, muitas pessoas revisam o conceito de que o cristianismo é o grande responsável pela ação destruidora do ser humano sobre o ambiente¹⁴ e descobrem que a fé cristã inclui a responsabilidade sócio-ambiental. Além disso, abre-se espaço para uma partilha sobre a espiritualidade.

Há uma busca pelo transcendente no meio do movimento ecológico. Ao descobrir as belas conexões ocultas da teia da vida, as múltiplas relações de interdependência entre os seres vivos e os abióticos, as pessoas se extasiam e percebem que há uma dimensão de gratuidade, de mistério, que vai além do âmbito da ciência. Muitos se esforçam para encontrar um sentido integrador da existência pessoal, coletiva e cósmica. Adotam um estilo de vida mais saudável e responsável, em contraposição à lógica desumanizadora da sociedade de consumo. Alguns se servem de diferentes tradições religiosas para fazer um processo de evolução espiritual, que inclui a integração das pulsões, o autoconhecimento, o equilíbrio energético e a prática da meditação.

¹⁴ Alguns autores acusaram o cristianismo de responsável cultural pelo desrespeito à natureza. Ele teria levado à desmistificação da natureza e ao antropocentrismo extremo. Para Lynn White, o judaísmo e o cristianismo introduziram “uma concepção não repetitiva, linear e finalizada do tempo”, ao contrário das religiões naturais, de visão cíclica. Possibilitou assim a idéia de progresso. Para White, nas religiões naturais, lugares, animais e plantas têm seus espíritos, porque tudo é animado. O cristianismo combateu esta visão, “esvaziando a natureza de seus espíritos protetores e abrindo a possibilidade a uma exploração indiferente à sensibilidade dos seres naturais”. Desapareceram os espíritos das montanhas, dos rios, das florestas, dos animais, que protegiam a natureza da depredação humana. No seu lugar, há o santo, que não é um ser natural. E o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, ganha destaque, originando a perspectiva antropocêntrica, que o faz distanciar dos outros seres. Cf. J.R. JUNGES, *Ecologia e criação*, São Paulo: Loyola, 2001, pp. 13s.

Pode-se dizer que há uma “mística ecológica difusa” neste ambiente. Trata-se de uma perspectiva espiritual, sem vinculação à determinada religião. Tomam-se livremente elementos de tradições religiosas diversas, como as “religiões de raiz” ameríndias e as oriundas da África, o hinduísmo e o budismo, o esoterismo moderno, e até mesmo o cristianismo. Tende-se a um Deus impessoal, pura energia que circula no cosmos (imanente). O divino estaria no TODO (panteísmo).

Tal contexto oferece oportunidades e desafios inéditos para a fé cristã. Estimula os cristãos e as Igrejas a reler sua tradição mistagógica com novo olhar. Revaloriza assim a oração, a meditação silenciosa, a harmonia do ser humano com a criação. Ajuda a redescobrir na Bíblia a participação das criaturas no projeto salvador de Deus. Articula a transcendência de Deus com a imanência e a transparência divina na criação. Sustenta que o sagrado está em todas as realidades, revestindo-as de sentido e dando-lhes sua direção: o amor. Força os cristãos a transitarem na linguagem científica (ecossistema) e na linguagem religiosa (criação).

A “ecoespiritualidade” cristã está fundada numa visão unificadora, que compreende o espiritual não como oposição à matéria, mas como estágio final de sua evolução, seu significado derradeiro. Neste clima, abre-se em louvor, ação de graças, reconhecimento e gratidão ao Deus da vida, que cria e salva. Vale aqui uma citação do visionário T. de Chardin:

Eu vos agradeço, meu Deus, por ter, de mil modos, conduzido o meu olhar, até fazê-lo descobrir a imensa simplicidade das coisas! Neste momento (...) vou saborear (...) a forte e calma embriaguês de uma visão da qual não consigo esgotar a coerência e as harmonias (...) Como o monista, eu mergulho na Unidade total. Mas a Unidade que me acolhe é tão perfeita que nela sei encontrar, perdendo-me, a realização última de minha individualidade. Como o pagão, adoro um Deus palpável (...) Mas, preciso ir sempre mais longe, sem jamais poder em nada repousar, a cada instante arrebatado pelas criaturas, e a cada instante ultrapassando-as, em contínua acolhida e em contínua despedida. Como o quietista, deixo-me deliciosamente embalar pela divina Fantasia. Ao mesmo tempo, sei que a Vontade divina não me será revelada (...) a não ser no limite do meu esforço (...) Eu não saberia dizer, perdido no mistério da Carne divina, qual é a mais radiosa destas duas bem-aventuranças: ter encontrado o Verbo para dominar a Matéria, ou possuir a Matéria para alcançar e submeter-me à luz de Deus (...) Se creio que tudo, ao redor de mim, é o Corpo e o sangue do Verbo, então para mim (...) se produz a maravilhosa diafania que faz objetivamente transparecer na profundidade de todo fato e todo elemento o calor luminoso de uma mesma Vida¹⁵.

A proximidade com a causa ecológica enriquecerá a espiritualidade cristã e trará contribuição ímpar para a sociedade contemporânea. De um lado,

¹⁵ P. TEILHARD DE CHARDIN, *Hino do Universo*, São Paulo: Paulus, 1994, pp. 27-29.

ajudará muitos homens e mulheres a fazer um caminho místico original, transformando a busca pelas energias cósmicas no encontro com Deus, fonte da Vida. De outro, conceber o mundo como “Casa Comum” e cultivar a ecoespiritualidade fortalecerão nos cristãos uma mística encarnada e integradora, antídoto para o crescente espiritualismo escapista com suas tendências dualistas.

No âmbito da ética ecológica surgem algumas *tarefas* para as Igrejas cristãs. Algumas delas já estão sendo realizadas; outras, são clamores! Elencaremos de forma sintética:

- a) Motivar os cristãos a se empenhar em causas sócio-ambientais como uma forma atual de expressar a fé, animada pelo amor e fundada na esperança. Mostrar que o compromisso individual e coletivo com a sustentabilidade é um *kairós* para a humanidade, “sinal dos tempos”, oportunidade de conversão e resposta ao apelo do Deus criador, salvador e recapitulador de todas as coisas.
- b) Denunciar as tramas dos projetos políticos e econômicos que destroem o ambiente, em nome do progresso, pois são insustentáveis a longo prazo. O anúncio e a denúncia ajudam a desentranhar a graça e o pecado no âmbito sócio-ambiental.
- c) Propiciar às novas gerações de cristãos, especialmente às crianças e aos jovens, ocasião de se encantar com a beleza dos ecossistemas e a biodiversidade, e de se indignar com sua destruição, estimulando-as a crescentes gestos de cuidado com o meio ambiente¹⁶.
- d) Incluir a educação ambiental e a espiritualidade ecológica nos processos de educação da fé. Basta verificar os roteiros de formação de catequistas, os programas de formação teológico-pastoral de leigos, o currículo das faculdades de teologia, os programas de formação para os futuros presbíteros, para constatar a clamorosa ausência desta temática.
- e) Participar, como ouvinte ou membro qualificado, das diversas instâncias de governança (municipal, estadual, nacional, internacional), onde se discutem e se aprovam medidas que visam a sustentabilidade¹⁷.
- f) Implantar a gestão ambiental nas instituições das Igrejas. Talvez seja este o ponto mais débil, no qual se nota a defasagem das Igrejas em relação a outras organizações da sociedade, no que diz respeito ao compromisso com a sustentabilidade ecológica. Templos, espaços comunitários, editoras e livrarias, emissoras de rádio e TV, escolas e universidades, hospitais, obras sociais, centros sócio-educativos...; de cada um se exige um mínimo de gestão ambiental, para ser coerente

¹⁶ Isso é mais eficaz do que falar sobre os “pecados contra a ecologia”.

¹⁷ O Conselho Mundial de Igrejas tem marcado presença em algumas destas iniciativas planetárias. As Igrejas locais devem fazer o mesmo, no seu âmbito de atuação.

com a mensagem anunciada. Trata-se de educar as pessoas e, sobretudo, criar processos que reduzam o impacto sobre o ambiente. Conforme o perfil da cada espaço, isso se traduzirá em redução de desperdício, reutilização e reuso de água; economia e diversificação das fontes de energia; diminuição na geração, reciclagem e destinação dos resíduos sólidos; redimensionamento do sistema hidráulico, de ventilação e de iluminação; substituição de veículos e outras medidas. Assim, haverá um testemunho claro de que as Igrejas cristãs põem em prática o mandamento do amor aos outros (incluindo todas as criaturas), como expressão da prioridade do amor a Deus.

A ecologia como ciência e como paradigma

Enquanto **ciência**, a ecologia nasceu da biologia. Inicialmente, era compreendida como o estudo dos seres vivos em relação com o seu habitat. Daí evoluiu para a ciência que estuda as condições de existência dos seres vivos e todas as interações possíveis entre estes e o seu meio¹⁸. Literalmente, ecologia quer dizer o estudo ou discurso racional (logos) sobre a casa-Terra (oikos). Segundo F. Capra, *a ecologia é o estudo de como a Casa Terra funciona, ou seja, as relações que interligam todos os moradores da nossa Casa comum*¹⁹. Constituem esta casa os seres abióticos e bióticos. Os primeiros, embora literalmente signifiquem “sem vida”, são fundamentais para os ciclos de matéria e energia no planeta: o solo, a água, o ar e a energia do sol. Os seres bióticos, por sua vez, compreendem os microorganismos (como bactérias, fungos e algas), as plantas e os animais. E entre os animais, estamos nós, os seres humanos.

Cada ciência tem objeto específico, perspectiva, epistemologia, método, jogo lingüístico próprio e comunidade validante. O objeto da ecologia são os ecossistemas: resultado das interações entre o conjunto de seres abióticos e os seres vivos em determinado contexto geográfico. Ecossistemas são redes de relações, das quais faz parte a ocupação humana.

A ecologia não é “um saber sobre a natureza”, e sim a ciência sobre a **relação** entre todos os seres, que torna possível a continuidade da vida no nosso planeta²⁰. No atual contexto planetário, ela pesquisa como o ser

¹⁸ Cf. M. LAMY, *As camadas ecológicas do homem*, Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 20.

¹⁹ Cf. F. CAPRA, “Educação”, in A. TRIGUEIRO (org.), *Meio Ambiente no século XXI*, Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 20.

²⁰ Cf. o verbete “Ecologia”, in E. CALLEMBACH, *Ecologia: Um guia de bolso*, São Paulo: Peirópolis, 2001, pp. 57-64; e J. GAFO (org.), *10 Palabras clave en ecología*, Estella: Verbo Divino, 1999, pp. 15-63.

humano, ao conviver em determinados biomas, altera os biomas²¹ e o ecossistema. E também a busca de reequilíbrio. Por isso, não é a ciência da preservação, mas da gestão racional e sustentável dos recursos naturais, compreendidos no quadro mais amplo das “comunidades de vida”.

A mediação hermenêutica da ecologia se tornou tão importante quanto seu objeto de estudo. Já para Ernest Haeckel (+ 1919), primeiro formulador do conceito, a originalidade da ecologia consiste em superar o estudo isolado dos seres bióticos e abióticos, ao perceber as relações entre eles²². Daí nasce a compreensão de “ambiente”, que é muito mais do que fauna e flora²³.

Ao dar o salto para um “saber de relações”, a ecologia postula uma mudança na forma de exercitar a ciência e na auto-compreensão do ser humano. L. Boff diz que a singularidade do saber ecológico consiste na transversalidade, isto é, “relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para a frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade) todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no conhecimento do universo, na funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica”²⁴.

Leonardo Boff define paradigma como “uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com todo o resto à nossa volta. Trata-se de modelos e padrões de apreciação, de explicação e de ação sobre a realidade circundante”²⁵. H. Küng distingue a extensão e a profundidade dos paradigmas, enquanto modelos de compreensão, classificando-os em macroparadigmas, mesoparadigmas e microparadigmas. Ora, a ecologia se transformou em macroparadigma, porque está alterando a autocompreensão do ser humano, que foi gerada na modernidade.

A aventura da modernidade caracteriza-se pelo antropocentrismo, pelo advento do sujeito autônomo (subjetividade) e pela universalização da ciência aplicada. Gesta-se uma visão linear e otimista da história, com a ilusão do “progresso infinito” e do “desenvolvimento ilimitado”. Os ecossistemas e suas comunidades de vida são reduzidos a “recursos naturais”. O mundo parece um reservatório infinito, do qual se pode retirar

²¹ Bioma é a unidade ecológica de grande extensão, delineada pela interação entre clima, seres vivos e o solo de determinada região. Possui fisionomia homogênea e um tipo de vegetação predominante. No Brasil encontram-se os biomas: caatinga, campos sulinos, cerrado, floresta amazônica, mata atlântica, pantanal, zona costeira e marinha.

²² Para uma síntese da história da ecologia, ver: J.R. AMOR, “Ecología”, in J. GAFO (org.), *10 Palabras clave en ecología*, pp. 19-30.

²³ Cf. G. FREIRE DIAS, *Iniciação à temática ambiental*, São Paulo: Gaia, 2002, p. 32.

²⁴ L. BOFF, *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*, Rio de Janeiro: Sextante, 2004, p. 25.

²⁵ *Ibid.* Ver as matizações de M.C. MORAES, *Pensamento Ecológico*, Petrópolis: Vozes, 2004, pp. 42-46.

todo o necessário para produzir, vender e consumir. Ora, o paradigma ecológico questiona esta visão, por três vias.

a) *A ecologia corrige e aperfeiçoa o antropocentrismo.* O ser humano está no centro, mas junto com os outros seres, em busca de comunhão. É filho(a) da Terra, a própria Terra em sua expressão de consciência, de liberdade e de amor. O destino do ser humano está associado ao destino do cosmos. Superando o antropocentrismo egóico da modernidade, afirma-se que há uma circularidade: o universo é direcionado para o humano como o humano é voltado para o universo donde proveio. Pertencem-se mutuamente.

b) *O paradigma ecológico revisa a subjetividade moderna,* a partir das categorias “diversidade” e “interdependência”. Um dos princípios da ecoalfabetização, propugnado por F. Capra²⁶, é que a biodiversidade assegura a *resiliência* dos ecossistemas. Quanto mais espécies interagem, maior a resistência e a capacidade de reequilibrar-se. O mesmo vale para a convivência humana. Um ser humano sozinho, concebido de forma individualista, sem relação com os demais, centrado egoicamente em si mesmo, é extremamente frágil. A humanidade evolui e conquista equilíbrios mais complexos quando promove e inclui as diferenças de gerações, de gênero, de etnias e de culturas. A *biodiversidade* inspira a cultivar a *antropodiversidade*. O ser humano privado, individualista, competidor estaria condenado ao fracasso, a longo prazo. Os processos evolutivos do nosso planeta mostraram que não foram os mais fortes que sobreviveram, e sim aqueles que conseguiram estabelecer relações fortes de cooperação e interdependência.

c) *O paradigma ecológico questiona a forma dominante de elaboração do conhecimento* e fornece elementos para uma nova epistemologia. A ciência experimental, que define hoje nossa relação para com o universo, envolve duas dimensões constitutivas: compreender e modificar. Transformou-se numa forma de domínio, pois *saber é controlar e objetivar*. A ciência moderna negou a legitimidade de outras formas de diálogo com a natureza. Ora, o saber ecológico utiliza a razão instrumental da ciência moderna, mas também valoriza a razão simbólica e cordial (do coração), usa os sentidos corporais e espirituais. Assume que somos razão e afetividade. Assim, conhecer não é somente uma forma de dominar a realidade, mas também de entrar em comunhão com os outros seres. O sujeito pensante é parte do processo da realidade e de seu conhecimento reflexo²⁷.

²⁶ Cf. F. CAPRA, “Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade”, in M.K. STONE / Z. BARLOW (org.), *Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável*, São Paulo: Cultrix, 2006, pp. 46-57.

²⁷ Cf. L. BOFF, *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*, pp. 28s.

A teologia em diálogo com a ecologia: pontos a desenvolver

Apresentamos, de forma breve, alguns aspectos que podem abrir o espaço de diálogo da ciência da fé com a ciência da interdependência e da sustentabilidade.

a) Relação profícua de teoria e prática

O diálogo da teologia com a ecologia se dá simultaneamente em vários âmbitos. Acontece inicialmente um “diálogo interno”, quando o teólogo(a) se engaja nas causas sócio-ambientais, desenvolve uma mística ecológica e adentra-se no saber e no paradigma. Tudo isso lhe traz perguntas e oportunidades para ampliar sua visão e fecundar a fé cristã.

A teologia da libertação tematizou que *o lugar social condiciona o lugar hermenêutico*. A Igreja da libertação testemunhou que um novo olhar sobre a justiça e a inclusão social aflora a partir da experiência de viver e lutar com os pobres. Este princípio vale para a ecologia e a teologia, de diferentes maneiras. A circularidade de práticas sócio-ambientais transformadoras, alimentadas por uma mística e fundadas numa ciência, produzirá o saber que simultaneamente é apaixonado, consistente na lógica, linguagem e método, e significativo para a humanidade.

Nos últimos 40 anos, as Igrejas cristãs, sobretudo a católica, formaram um enorme contingente de agentes de pastoral que atuaram ativamente na promoção da cidadania e na superação da pobreza. Neste momento, em que há uma crise no âmbito social, a questão ecológica pode dar novo vigor às práticas transformadoras e às pastorais sociais. Neste sentido, fala-se hoje em “cidadania planetária” e “engajamento sócio-ambiental”.

b) Em busca de um saber integrador

Há várias semelhanças entre o saber da ecologia e a teologia. Ambas apontam os limites da ciência moderna, com seu caráter segmentado e a função dominadora do conhecimento. Ambas propugnam o desenvolvimento do saber na linha da teoria da complexidade: encharcado de sabor, aberto a novas sínteses, integrado com outros saberes, dialogal, inter e transdisciplinar, assumido em sua provisoriedade.

À luz da ecologia, a teologia revê sua forma de elaborar e transmitir o conhecimento sobre a fé cristã. Sente-se estimulada a produzir um saber para além de disciplinas isoladas e áreas do conhecimento “encasteladas”. Enfim, um saber interdependente, relacional, conectado à prática pastoral, à espiritualidade e às grandes questões do mundo contemporâneo.

c) *Uma teologia holística?*

Quando a teologia moderna fez a virada antropocêntrica, avançou muito. Deslocou a pergunta sobre “a doutrina em si” para “o sentido para o ser humano”. Para além do essencialismo e de uma visão estática, compreendeu a auto-manifestação de Deus como processo e história, e a graça como diálogo transformador para o ser humano. Afirmou a reversibilidade da trindade em si e da trindade para nós. Já a teologia da libertação, num movimento de continuidade e superação da teologia moderna, enfocou o rosto de Deus nos pobres, a dimensão salvífica dos projetos históricos de libertação, o Reino de Deus como categoria central na prática de Jesus. Deslocou a pergunta sobre “sentido” para “a prática social transformadora (práxis)”.

No momento, não é possível identificar se o paradigma ecológico trará um deslocamento tão significativo para a teologia, a ponto de configurar um novo paradigma para a fé cristã e o seu saber. Embora seja fascinante a pretensão integradora da holística, os tempos atuais (com sua modernidade gelatinosa) não favorecem mega-relatos e grandes sínteses. Talvez tenhamos que dar passos firmes, mas sem grandes pretensões de totalidade. Será mais coerente trabalhar com uma teologia em mosaico, na linha da teoria da complexidade, com sínteses provisórias, em constante reelaboração.

d) *Novas categorias fecundam a teologia*

A ecologia já influenciou a teologia contemporânea, em algumas áreas e disciplinas. Deve-se a J. Moltmann uma grande contribuição, sobretudo pela obra “Deus na Criação”²⁸. Pode acontecer um equívoco, se reduzimos a interseção dos dois saberes à teologia da criação, à ética sócio-ambiental e à espiritualidade. Este novo olhar, propiciado pela ecologia, fecunda a teologia em várias disciplinas, como a graça, a cristologia, a trindade e a sacramentologia. E vai além. No dizer de L. Susin, “a mãe Terra, com todas as suas criaturas, como lugar teológico prioritário, inspira e torna toda a teologia cristã apta para a sua missão na criação da sustentabilidade de que necessitamos”²⁹.

A teologia moderna, especialmente com Rahner, mostrou que o desígnio salvífico de Deus se orienta para a encarnação. A redenção é continuidade, consequência e consumação da encarnação do Filho de Deus. Com ela, Deus eleva e santifica a realidade humana, conferindo-lhe valor absoluto.

²⁸ J. MOLTSMANN, *Dios en la creación: Doctrina ecológica de la creación*, Salamanca: Sígueme, 1987, 339 pp.

²⁹ L.C. SUSIN, “Mãe Terra que nos sustenta e governa: por uma teologia da sustentabilidade”, in SOTER (org.), *Sustentabilidade da Vida e Espiritualidade*, p. 202.

O paradigma ecológico completa esta reflexão, ao afirmar que, mediante a encarnação, Deus assume e transforma toda a materialidade da sua criação.

A teologia deve articular melhor seus “temas-chave”: criação, história da salvação, encarnação, redenção em Cristo e a recapitulação. Assim, explicitará como a criação participa do projeto salvífico de Deus, como a fé na ressurreição implica também a esperança de “Novo Céu e Nova Terra”. No dizer de Moltmann, em Ap 21,5 (“Eis que faço novas todas as coisas”), “não se promete uma outra criação nova, mas a recriação de tudo que já foi criado. Não se pode esperar um outro mundo, mas se deve esperar a transformação fundamental do mundo existente”³⁰. A relação com a ecologia toca os grandes temas teológicos e nos convida a desentranhar aspectos inusitados. A *Gaudium et Spes* afirma que “a fé ilumina todas as coisas com luz nova”. A tarefa está posta. Há um longo e belo caminho a fazer.

Afonso Tadeu Murad, Irmão Marista, é pedagogo e doutor em teologia pela Universidade Gregoriana (Roma). Tem especialização em Gestão com Ênfase em Marketing, pela Fundação Dom Cabral (MG). Atualmente faz um MBA em Gestão e Tecnologia ambientais, na USP. Entre suas obras, destacam-se: *Maria, Toda de Deus e tão humana* (Paulinas, 2004); *Introdução à Teologia*, com J. B. Libanio (Loyola, 2007, 6ª ed.); *Gestão e Espiritualidade* (Paulinas, 2007). É professor de teologia na FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e no ISTA (Instituto Santo Tomás de Aquino), e professor visitante no ITESP (Instituto Teológico de São Paulo).

Endereço: Rua Justo Azambuja, 365 (Cambuci)
01518-000 São Paulo — SP
e-mail: amurad@marista.edu.br

³⁰ J. MOLTSMANN, *Ciência e Sabedoria: Um diálogo entre ciência natural e teologia*, São Paulo: Loyola, 2007, p. 74.